

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semestre 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	5.º ANNO — VOLUME V — N.º 114  21 DE FEVEREIRO 1882	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	5950	5120		Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Possessões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		



D. ANTONIO ALVES MARTINS, BISPO DE VIZEU — Fallecido em 5 do corrente  
(Segundo uma photographia de Henrique Nunes)



## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — O Bispo de Vizeu, ANTONIO ENNES — Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental, em Lisboa, R. — Palacio do Governo de Moçambique, AUGUSTO DE CASTILHO — As Nossas Gravuras — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

**GRAVURAS.** — D. Antonio Alves Martins, Bispo de Vizeu — Exposição retrospectiva de arte ornamental, em Lisboa, Calix e Patena de prata dourada, pertencente ao museu da Ajuda — Africa Portuguesa, palacio do governo de Moçambique — Exploração do Polo Arctico, o commandante tenente J. W. De Long, o engenheiro J. W. Melville, o piloto dos gelos W. Dumbar, o Yacht Jeannette preso entre o gelo — Salão de Quadros, Uma paisagem do Minho, quadro de Silva Porto — Enigma.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Abrimos esta chronica, escripta em pleno carnavalesco, quando as mascaras guincham nas ruas, e as bisnagas esguicham das janellas, com uma noticia profundamente triste, uma noticia da necrologia official, porque se trata d'um morto illustre e ao mesmo tempo de pungente sentimento pessoal porque se trata d'um homem de quem eramos companheiro e amigo sinceramente affeccionado, a noticia da morte de João Ricardo Cordeiro.

Quando entrámos no mundo encontramos João Ricardo Cordeiro no apogeu da sua gloria. O seu nome figurava ao lado dos auctores nomeados, as suas peças andavam nos cartazes de D. Maria e elle vivia n'esse mundo radiante dos bastidores, que nos deslumbrava então, na intimidade dos actores em voga, e das actrizes gloriosas, que nós viamos de longe, sem defeitos humanos, como as estatuas vistas cá de baixo, de longe, erguidas no seu pedestal de celebridade.

N'esse tempo liamos o nome d'elle nos cartazes firmando peças que gozavam de reputação, a *Sociedade elegante*, o *Cura d'almas*. Manuela Rey, essa deslumbrante creança que illuminava todos os nossos sonhos de adolescente, com as irradiações da sua gloria, a fascinação dos seus cabelos louros, da sua formosura raphaelesca, do seu talento brilhante, era a protagonista dos seus dramas, e nós invejávamos esse homem que tinha por interprete das suas peças festejadas essa actriz adorada e adoravel, que vivia n'esse mundo de mulheres bonitas, e de homens celebres, que entreviamos pelas portas vedadas ao publico do theatro de D. Maria, como um sonho radiante, e irrealisavel.

E conheciamos Ricardo Cordeiro de o vermos apparecer todas as tardes, no Passeio Publico, com Manuel Roussado, que então era uma celebridade litteraria de Lisboa, com Ernesto Biester, o pobre Biester, que vivia então na sua idade d'ouro, avistavamos-o ás vezes de longe, na varanda do terceiro andar da casa de Emilia Adelaide, na rua Occidental do Passeio, de Emilia Adelaide que começava radiante de mocidade e de belleza petulante o seu reinado, e tinhamos por elle uma admiração sincera, entusiastica, quasi inconsciente, como se tem aos quinze annos, por tudo que brilha, que irradia, que está em evidencia.

D'ahi a annos transpunhamos as taes portas vedadas ao publico, viamos as estatuas de perto, o deslumbramento do desconhecido esvaia-se, as grandes actrizes gloriosas appareciam-nos mulheres no camarim, o encanto quebrava-se e tratavamos por *você* os homens que até então tinhamos sempre tratado por *tu*.

Ricardo Cordeiro desaparecera já n'esse momento dos bastidores, o seu tempo de lucta passara, afastara-se cedo do combate, os do seu tempo começaram a decahir ante a evolução litteraria, e elle recolhera-se ao silencio quando os seus grandes interpretes se tinham recolhido ao tumulo.

Mais tarde encontramos-o no Ministerio do Reino, empregado zeloso e exemplarissimo, litterato de cavaco simplesmente, trazendo para apreciação do movimento litterario moderno, uma critica intelligente, mordaz por vezes, e quasi sempre intransigente com os novos.

Afastara-se da lucta, mas era ainda um homem de letras, tinha por tudo que era arte e litteratura o enthusiasmo de um verdadeiro artista, defendia os seus ideaes com o calor de um interessado, com a energia d'um convicto, e amava essas pugnas d'escola, deliciava-se n'ellas,

e apesar de não fazer já arte, era ainda e foi sempre um artista ardente e apaixonado.

Tinha um bello criterio e uma formosa intelligencia, era um conversador de primeira plana, d'uma amabilidade excessiva, d'uma delicadeza inquebrantavel mesmo no mais renhido das discussões.

Ha tres annos para cá andava apprehensivo, scismatico; já não era o mesmo Ricardo Cordeiro; fizera uma transformação radical. O presentimento da morte proxima preocupava-o muito, e dizia-o ás vezes.

Nós riamos muito com elle a esse respeito, mais para o animar do que por convicção, porque os seus sinistros presagios preocupavamos tambem tristemente.

Ricardo Cordeiro era baixo, d'uma gordura um pouco balofa, d'uma apparencia de robustez que tinha um não sei que, transparente, de mentirosa.

De mais a mais, nos ultimos annos, na vida litteraria dera-lhe o enguiço.

Apesar do seu bello talento, das suas peças muito correctas, muito bem escriptas, muito escurpulosamente enredadas, Ricardo Cordeiro começou a ser extraordinariamente infeliz, nos theatros. As peças não lhe caiam mas não davam dinheiro, tinham um *sucesso* d'estima, sempre acompanhados d'uma fatalidade qualquer.

N'uma d'ellas, morreu-lhe a Manuela Rey, *O cura d'almas*, n'outra quebrava a empreza, n'outra acontecia um desastre, uma desgraça, e os comicos e os emprezarios de theatros, que são a gente mais supersticiosa que ha no mundo, começaram a ter medo d'elle, de quem aliás eram muito amigos, das suas peças, que aliás eram muito bem feitas, e Ricardo Cordeiro principiou a ter a reputação de *guignon* no theatro.

Esse *guignon*, porém, quebrou-se ha pouco tempo, depois d'uma longa ausencia, quando elle voltou ao theatro, com uma peça anonyma, mas que era uma deliciosa comedia e teve um ruidoso *sucesso*: — os *Paraízos Conjugaes*.

Ha cousa de dois annos e meio Ricardo Cordeiro começou a queixar-se de doença já então caracterizada. Não eram as apprehensões vagas d'um scismatico.

Todos os dias, ás duas horas da tarde elle ia visitar-nos, á nossa repartição, de que é chefe Francisco Palha, um dos talentos mais brilhantes dos tempos aureos de Cordeiro, e que conservou sempre a sua forte pujança, sendo hoje, como era ha quinze ou vinte annos, um dos primeiros litteratos de Portugal, e o mais original e característico de todos elles. Entre ambos havia velha e funda amizade.

Ricardo Cordeiro ia ali fazer todos os dias a sua visita; era certo ás 2 horas e nós chamavamos-lhe, o *vapor do Barreiro*.

Um dia Ricardo Cordeiro faltou á hora. Ficava em casa doente. E d'alli em diante o *vapor do Barreiro* nunca mais voltou, e ha dias, no fim d'um longo martyrio, a morte deu rasão aos seus e nossos tristes presentimentos. Ricardo Cordeiro tinha um nome laureado na litteratura portugueza e a imprensa fez o seu dever registrando em palavras sentidas a sua morte.

— O carnaval em que estamos não trouxe inteiramente nada de novo para a chronica. O mesmo carnaval de todos os annos, mascara de mais ou mascara de menos, a mesma semsaboria das ruas e dos bailes, o esguicho, e o *bem te conheço*, com mais ou menos prisões, mais ou menos grogs.

Festas particulares houve apenas uma notavel e essa princepesca, o baile do duque de Palmella, a que assistiram suas magestades, e que foi uma verdadeira festa fidalga.

— Os theatros fizeram o seu reportorio de carnaval: — o Gymnasio com a revista do anno original de Urbano de Castro, um dos humoristas de mais verve que ha hoje no jornalismo portuguez e que conseguiu dentro dos velhos moldes d'esse genero detestavel — a revista — fazer uma peça magnifica, em que a graça estoura a cada momento e o espirito irrompe torrencial desde a primeira á ultima scena.

— O theatro da Trindade apresentou uma zarzuela nova em dois actos *Romão & C.*, letra hespanhola de Mariano Pina Rodrigues, e musica de Rogel, musica deliciosa que lhe mereceu uma ovação e fez um successo verdadeiro.

N'esta zarzuela ha a notar um desempenho excepcional por parte de toda a companhia, sobressaindo Leoni no papel principal que é assombroso de boa graça comica.

— O theatro de D. Maria que tanto tem elevado a arte de representar entre nós, desmandou-se um pouco no carnaval, indo buscar ao theatro do Gymnasio uma peça do seu reportorio antigo, que já este anno andou sem *sucesso* algum

pelos theatros de verão, e que teve ha oito os dez annos o seu momento de nomeada no Gymnasio, quando o genero a que ella pertence não era ainda conhecido em Lisboa pelas suas obras primas, como a *Niniche*, a *Botija*, o *Bébé*, o *Armario das Afflicções*.

O theatro de D. Maria nunca, e muito menos nas alturas artisticas a que o tem elevado a actual empresa, devia ir buscar aos reportorios gastos dos outros theatros, uma peça vista e revista como é a *Bola de Sabão*.

— E a respeito do theatro de D. Maria temos uma novidade: pediu a sua demissão de fiscal do governo junto do theatro, o nosso bom amigo o sr. dr. Emygdio Navarro, e foi nomeado para esse logar o sr. Sousa e Vasconcellos. A nomeação feita pelo sr. Thomaz Ribeiro não podia ser mais acertada. O sr. Sousa e Vasconcellos é um dos mais notaveis auctores dramaticos do nosso tempo, e bastava a importancia litteraria e historica do seu drama a — *Duqueza de Caminha*, para o collocar entre os nossos primeiros dramaturgos. É um escriptor de muito talento, de subida illustração, de elevado criterio, e ao mesmo tempo um character honestissimo, d'uma probidade inquebrantavel, que ha de prestar grandes serviços á litteratura dramatica portugueza no cargo para que foi nomeado.

— O espaço falta-nos, mas não fecharemos a nossa chronica sem registrar um acontecimento importante do parlamento portuguez.

Esse acontecimento foi o esplendido discurso pronunciado na sessão de 17 do corrente, na discussão da resposta ao discurso da corôa, pelo sr. Pinheiro Chagas.

Esse discurso, dos mais notaveis que se tem feito no nosso paiz, seria um acontecimento em qualquer parlamento, e muito mais o é no nosso, onde infelizmente tão poucas vezes a eloquencia politica se eleva áquellas radiosas alturas.

Esse discurso produziu em Lisboa, entre amigos e adversarios, profunda sensação, e tem tido justamente todas as honras d'um acontecimento; é por isso que o registamos, poupando-nos ao trabalho banal de estar a arregimentar adjectivos sonoros em torno do nome de Pinheiro Chagas, que é hoje uma das mais brilhantes glorias da nossa terra.

Gervasio Lobato.

## O BISPO DE VIZEU

O fallecido bispo de Vizeu era um character forte, uma individualidade bem accentuada. No nosso tempo, mais do que nunca, os homens são producto do meio social, que se lhes impõe em nome dos interesses, da formidavel auctoridade de *toda a gente*, e até da polidez que prohibe a contradicção; elle, porém, foi toda a vida o que exigiram que fosse as suas convicções, o seu modo de ver e sentir, o seu temperamento. Metteram-no no seminario e elle fugiu para os acampamentos, cingiram-no padre, e não o desviaram da vocação de revolucionario, sagraram-no prelado e o prelado foi um estadista liberal; deram-lhe as rendas de uma opulenta diocese, e ficou pobre; cercaram-no de pompas e grandezas, e não deixou de ser um homem do povo. A sua vigorosa personalidade impunha-se, não aceitava imposições.

Porque era forte, era franco, e quando a corteza se lhe affiigurava tibieza ou dissimulação, despenhava-a por importuna. Fallava no paço com a alma á flor dos labios, e conta-se que até a igreja lhe ouviu palavras sinceras que não soavam exactamente com o crepitar do incenso no thuribulo. Uma vez foi a Roma. Roma subjuga os espiritos altivos com a auctoridade das tradições seculares, com a magestade do culto universal, e elle era padre. A cupula de Miguel Angelo cobria então uma assembléa pomposa e veneranda; alvejavam as cãs do saber sobre a purpura das grandezas, e os crentes julgavam divisar a pomba do Espirito Santo roçando no vôo pelos frescos de Rophael. Era imponente, esmagador. Porém, quando essa assembléa, que dizia representar as crenças dos povos e a inspiração do céu, se prostrou humilde para divinizar o barro humano com a infallibilidade do infinito, o bispo de Vizeu ficou de pé, amparado pela energia da convicção, e a sua palavra sonora recusou a homenagem que o papa requeria para não reparar o que devia a Deus.

Mau sacerdote! dizem os phariseus, para quem a religião é exclusivamente o culto externo a tanto por prece e a tanto por sacramento, o christianismo é irreconciliavel inimigo da liberdade. Se elle foi mau, digam-no os pobres de Vizeu;



e os pobres são o Christo. Era mais prelado nos albergues da indigência do que na cathedral faustosa e em vez de andar com a mão erguida a esparzir orgulhos e benções, occultava-a para esparhar esmolas. No seu paço de Fontelho viveria sem sobresalto a humildade de fr. Bartholomeu dos Martyres. De quasi sempre quasi só reservava para si o prazer de o dar. A hora da morte lembrou-se unicamente da falta que havia de fazer aos pupillos da sua caridade. E elle o homem de severo espirito e maneiras rudes, que não deixava apoz si poder nem riqueza que pagasse as lagrimas derramadas sobre o seu cadaver, foi levado á sepultura nos braços do povo, e no cemiterio escurecido pelos crepes do anoitecer, os soluços da saudade entoavam um *Requiem* mais solenne e angustiado do que os soturnos cantos dos ecclesiasticos. Pois o povo não chora senão pelos bons.

Como para elle a religião era uma moral e não uma etiqueta, e pois que quem ama o proximo promove o bem da sociedade, o bispo de Vizeu saiu do templo, sem todavia, sair do sacerdocio.

O estadista que manda ensinar os ignorantes que allivia miserias desenvolvendo a riqueza publica, que sacia os que tem sede de justiça, que zela o culto do direito, acaso não servirá melhor a Deus do que o asceta que se macera na invisibilidade da penitencia, e o levita que se paralyza na ociosidade da oração? Que os padres sejam politicos não faz mal á igreja, nem á politica; o mais é que elles levem para a politica doutrinas e praticas com que já nem a igreja prospera. Ao prelado progressista não se pode arrogar esta censura. Sabia respeitar Deus na liberdade do pensamento e da consciencia humana, e relia a meudo em sua Biblia o *Dar a Cesar o que é de Cesar*. Mas, por outra parte das mãos do ministro nunca escorreu sangue nem prata para as vestes prelaticas, e a palavra, só na fórma rude, do homem publico nunca proclamou perseguições, odios, tyrannias, crueldades de razão do Estado e que affastassem a imagem paciente do Crucificado suspenso ao peito do bispo.

Feriu interesses, é certo, mas feriu-os desinteressadamente e sacrificando a popularidade ao dever. O movimento da opinião que o levou ao governo assimilou-se ao das ondas que retiram da praia o que á praia arrojaram. Impoz-lhe uma missão ingrata sem lhe dar a força necessaria para triumphar das resistencias e dos protestos que o seu desempenho havia de suscitar. Foi muito superficial e muito acanhado nos seus intuitos. Reduzir as despesas publicas sem remover as poderosas causas da sua elevação, é um tratamento meramente symptomatico que faz soffrer o enfermo sem o curar. Mas porque não emprehendeu o bispo de Vizeu a cura radical? Porque não deu á denominação do seu partido um sentido lato e profundo? Porque nos governos representativos nenhum estadista, ainda que seja um genio, encontra só em si a força que requerem as reformas vitales. Precisa que lh'a communique a nação ou que lh'a transmita o rei, onde a realza tenha auctoridade e prestigio. E no nosso paiz da indifferença e do egoismo ainda até hoje não houve desde 1852, uma corrente de opinião, um acto de consciencia publica, que armasse um partido ou um governo para commettimentos mais ousados e bellicosos do que cortar um canto de pão escasso, porém mal ganho, dos funcionarios publicos, ou fazer com que os agiotas e os empreiteiros só mettam nos coffres do Estado o braço até ao cotovello, em vez de o metterem até ao hombro.

O bispo de Vizeu não foi um estadista conspicio. Não o teria sido ainda que possuísse qualidades eminentes, e quando nenhuma d'essas qualidades lhe faltasse, ter-lhe-ia faltado a occasião para a revellar. Foi, porém, um ministro honrado e austero, affeiçãoado ás melhores praticas governativas e ás mais liberaes. Nos tempos que vão correndo, quasi não ha homem politico a quem se possa tocar mais levantado louvor. São pequenas todas as figuras da scena politica, porque tambem a scena é baixa; o que ainda se lhes pode exigir é que sejam acceitadas. Sobre a memoria do chefe do partido progressista não ha de pesar a accusação de ter contribuido para a perversão dos costumes politicos, nem para a degradação das intelligencias e das consciencias.

Sacerdote caridoso, estadista rigido e bem intencionado, amigo leal, não só foi util a sua existencia, senão que viveu mais para os outros do que para si. Teve a nobre e rara coragem de soffrer e de trabalhar. Engrandeceu-se sem baixezas, mandou sem orgulho, e a sua carreira tendo passado pelos mais altos cargos da igreja e do estado, acabou onde tinha começado, na

pobreza. O unico capital que juntou foi a estima e o respeito que lhe tem rodeado a sepultura de sentidas homenagens que lhe hão de perpetuar o nome.

Antonio Ennes.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA  
DE  
ARTE ORNAMENTAL  
EM LISBOA  
V

Já em artigo anterior historiamos rapidamente o nascimento e intuitos da *Exposição* e o seu programma, e não devemos passar adeante sem dizer-mos alguma coisa sobre a maneira como foi levada a effeito.

A grande commissão, de que fallamos a pag. 187 do IV volume nomeou uma commissão executiva, e a ella e a alguns mais dos seus membros pertence a gloria da realisação d'este notavel emprehendimento, que veio pôr em evidencia uma coisa que nem toda a gente conhecia, de que ainda ha pouco se duvidava, e que hoje é um facto provado: o grande brilho e altura a que entre nós chegaram as artes decorativas nos seculos XV e XVI. Ainda no periodo de decadencia apparecem artefactos notabilissimos, e se muitos dos que foram expostos são fabricados fóra do paiz, o numero dos que são de produção genuinamente portugueza é assaz para revelar uma elaboração pujante e efectiva durante largo periodo da nossa actividade nacional. Nem era crível que uma nação que levantava os monumentos de Santa Cruz de Coimbra, Batalha, Jeronymos de Belem, e tantos outros, em que apar de muitos artistas estrangeiros, trabalharam e lutaram os nacionaes, não estendesse o seu genio artistico, alem da pedra e da madeira.

Sabemos que havia em Lisboa mouros tapeceiros, brosladores lapidarios de D. Affonso V, muitos ourives a maior parte judeus, que apenas dominadas parte da Africa e Asia, é rara a possessão onde se não encontrem entre os moradores artistas de varios generos; mas n'um paiz pequeno que em tempo de D. Affonso V, despendeu o ouro e prata das igrejas para a invasão de Castella, que foi saqueado, varias vezes por hespanhoes, inglezes e francezes, que soffreu os effeitos de um terremoto terrivel, que lhe destruiu grande parte das suas preciosidades de todo o genero, não é para admirar que as produções da arte tenham desaparecido.

VI

Entra a gente porem no palacio da *Exposição*, percorre, por mais devagar que seja, as suas salas, e quando chega á ultima acha-se aturdido, cançado de espirito e de corpo, offegante entre tanta riqueza accumulada, desejando não sair d'ali, e não sabendo dizer, ao fim de algumas horas o que viu, o que mais e impressionou, porque não pode examinar nada e porque são necessarios muitos dias para attender com algum cuidado ás minimas coisas que se albergam em uma só sala.

E tudo isto reunido em poucos mezes! Que trabalho não tiveram estes homens! Que fadiga! que pressa! foi uma vertigem, foi um rodopio! Ora no Algarve, ora em Bragança, ora em Villa do Conde, ora em Guimarães, ora em Evora. Aqui reluctancia de um cabido, alem suspeitas de umas freiras, n'outra parte indifferença d'uma corporação, d'um particular; e foi necessario vencer as recusas, desfazer as duvidas, lenir os atritos, para ao cabo de tantos esforços nos apresentarem um conjuncto, que pôde ter lacunas, pode apresentar irregularidades, defeitos se quizerem, mas attesta muita vontade e dedicação, e honra o paiz e os homens que o emprehenderam.

Nós não sabemos tirar o louvor a quem o merece, porisso o nome do sr. Delfim Guedes, que demais a mais ia sendo victima da sua dedicação, dos srs. Vilhena Barbosa, drs. Filipe Simões, Aragão, Sousa Viterbo, Fonseca, Monteiro, Basto, Fernando Palha, e outros que nos perdoarão a ommissão, merecem os nossos agradecimentos e os da nação, sentindo só que a amizade que a alguns tributamos nos prenda um pouco a penna.

Por fim o paiz, como succede quasi sempre, acabou, ainda que tarde, a comprehender o alcance d'este emprehendimento, e já depois de aberta a exposição se tem recebido alguns artigos.

Isto e a demora na impressão do catalogo, de-

vida á pressa e data fatal com que a exposição foi aberta, deverão determinar de certo a procrastinação do seu encerramento, para uma época mais remota, afim de se poderem colher d'ella todos os resultados desejados e augurados.

VII

Entermeiando a historia com a descripção, vamos hoje patentear em gravura aos nossos leitores duas formosas peças.

Antes por conveniencia photographica, do que por conveniencia archeologica, Laurent copiou os dois objectos juntamente, sem reparar que cada um era de sua proveniencia differente. Por esse motivo preparada a gravura, antes da abertura da exposição, apresenta a mesma irregularidade.

O calix, que se pode ver na sala — G — vidraça XXII, onde tem o n.º 5 — é de prata dourada. Mede de altura total 0<sup>m</sup>,355. A base é larga, apresentando na projecção horizontal uma figura hexagonal cujas faces são quebradas por molduras salientes que lhe fazem affectar a forma proximamente circular. É muito ornada, de trabalho delicado de buril, tendo em cada painel certas figuras em baixo relevo, que com as do pé, que sobre ella se ergue, representam varias scenas do nascimento e paixão de Christo.

O pé é na sua solidez, bem como as janellas e portas das igrejas gothicas, coberto de ornatos d'este genero, que o tornam de uma leveza e graça bellissimas.

Sobre elle está a copa, á roda de cujo bordo se lê a seguinte inscripção: SALVTARIS ACIPIAM EN CALYCM. Inferiormente á legenda ha seis nichos, contendo cada um dois apóstolos em baixo relevo. Pendem da sua parte inferior e dos intervallos dos nichos sendos tintinabulos.

O trabalho artistico é aprimorado e dos fins do XV seculo, principios do XVI, havendo pertencido ao convento de Christo de Thomar.

A patena (mesma vidraça n.º 27) é tambem de prata dourada, tendo no centro, em baixo relevo, a imagem de um santo, e na orla o letreiro AVE MARYA PRENA GRACYA DOMY. Tem no reverso a divisa da ordem de S. Domingos. O seu diametro é de 0<sup>m</sup>,21. É trabalho do mesmo tempo do calix.

São da galeria da Ajuda estas duas peças, na qual se encontra tambem a famosa custodia dos Jeronymos<sup>1</sup> (mesma vidraça n.º 1), pertencendo como esta aos bens da corôa, e foram expostas com outros artigos por sua magestade el-rei o sr. D. Luiz.

(Continúa)

R.

PALACIO DO GOVERNO  
DE MOÇAMBIQUE

Quem desembarca em Moçambique, na ponte caes que avança pelo mar dentro, descobre logo em frente um dos sitios mais apraziveis de toda a cidade, e decerto o mais frequentado nas tardes e noites calmosas.

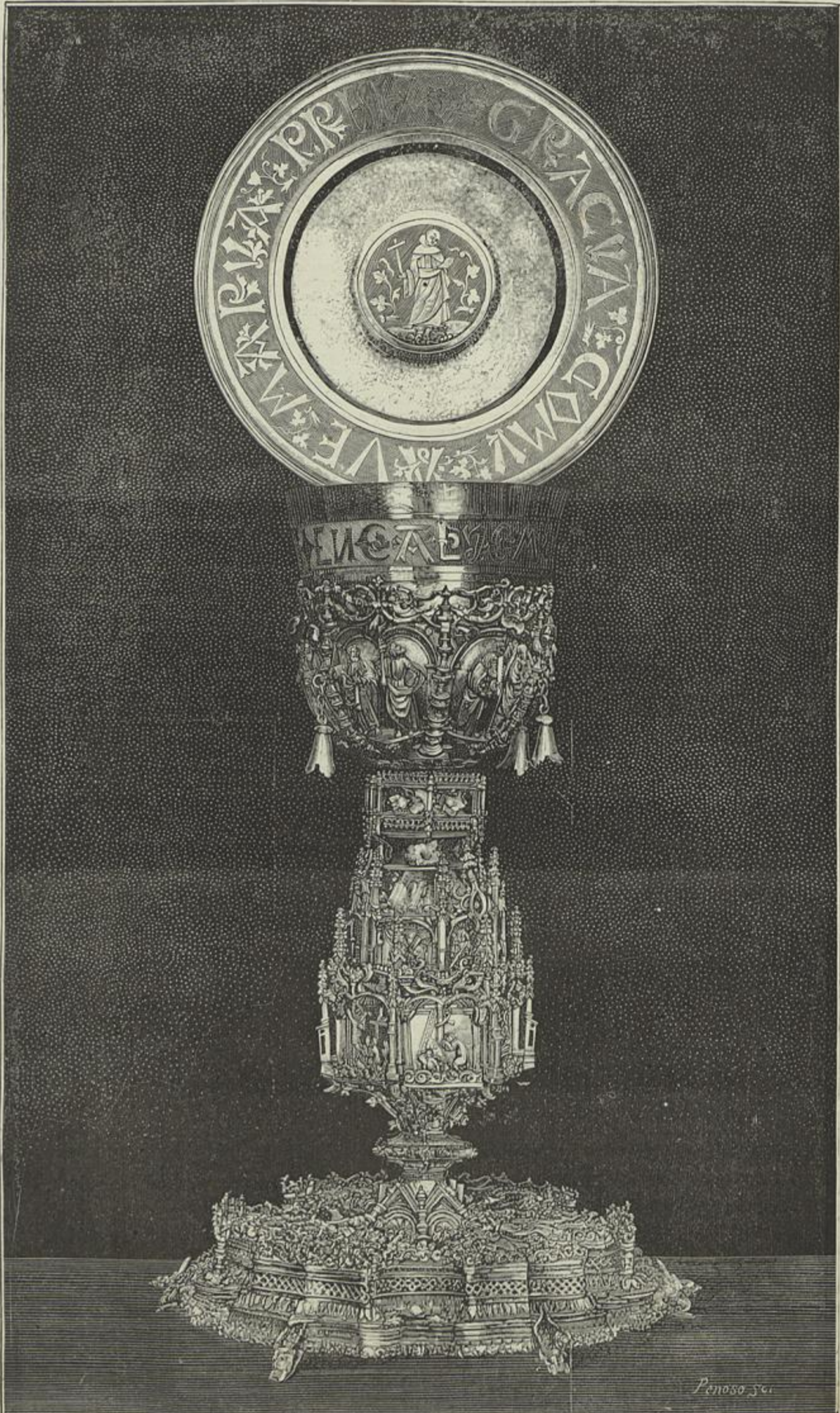
Uma bonita praça ajardinada, tendo ao centro um elegante coreto, onde duas vezes por semana toca uma banda regimental, serve como que de vestibulo á ilha. Ao fundo ergue-se o vasto palacio, que serve de habitação dos governadores geraes, e á sua esquerda, mesmo sobre o porto, a alfandega. Esta praça apoia-se para a banda do porto sobre uma extensa muralha guarnecida de assentos de pedra.

O palacio dos governadores de Moçambique, conhecido vulgarmente pela denominação de palacio de S. Paulo, da invocação da capella que fica no seu extremo meridional, foi outr'ora um collegio de Jesuitas da invocação de S. Francisco Xavier. Durante o longo e util governo do esclarecido capitão general, Balthazar Manuel Pereira do Lago, que se estendeu desde 1765 até 1779, foi o collegio de S. Francisco Xavier dos Jesuitas, de todo reconstruido e ampliado, apropriando-se para residencia do capitão general e hospedagem dos vice-reis da India na sua passagem por Moçambique.

Diz-se vulgarmente que a nomeação d'aquelle benemerito varão, fóra um exilio politico, e assim o indica a sua correspondencia; porque em cinco annos successivos pediu a el-rei que o mandasse render, e offereceu para obter esta graça, todos os serviços feitos e os que ainda podesse fazer, fóra de Moçambique, em proveito da magestade. Nada pôde porém conseguir, até que, desengano e victima de tal persistencia, acabou seus dias. Depois que de todo perdeu a esperanza de



## EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA DE ARTE ORNAMENTAL, EM LISBOA



CALIX E PATENA DE PRATA DOURADA, PERTENCENTE AO MUSEU DA AJUDA (Segundo uma photographia de Laurent)



## AFRICA PORTUGUEZA

vêr a patria por que tanto anhelava, é que fez melhor governo, entregando-se ao cuidado de beneficiar o paiz que devia eternamente guardar suas cinzas.

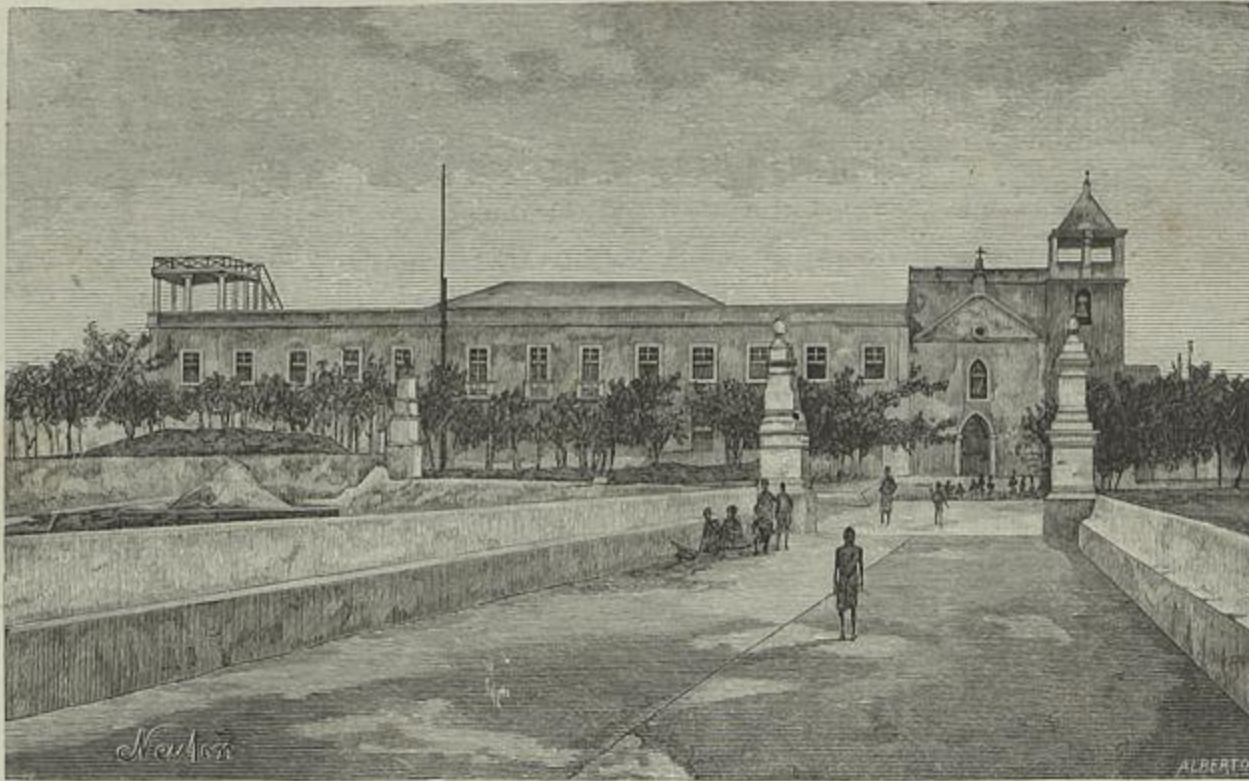
Não é só o palacio de S. Paulo que recorda o genio emprehendedor do capitão general Pereira do Lago. Ordenou elle tambem a fabrica do hospital da Misericordia, accrescentou duas enfermarias ao militar, mandou construir o palacio e igreja de Mus-suril, comprando para sua fabrica e á sua custa, um palmar ligado á mesma igreja, e legando depois tudo aos seus successores, com a obrigação de fazerem a festa da

Senhora, que por se invocar da Conceição, a declarou Padroeira da Provincia.

Além d'estas obras, terminou o arsenal da marinha; creou escolas primarias e de pilotagem, para ensino da mocidade; mandou construir casas para as camaras de algumas villas, dotando-as com muitas terras que estavam em commisso; obrigou os moradores á cultura do algodão e mandioca, indo elle mesmo com o senado, no anno de 1767, assistir á sementeira; e finalmente melhorou todas as villas da provincia e as suas fortificações.

Antes de descrevermos o palacio, digamos mais duas palavras que completem o retrato do grande vulto historico que o fundou.

Balthazar Manuel Pereira do Lago é inda hoje



PALACIO DO GOVERNO DE MOÇAMBIQUE (Segundo uma photographia)

famoso por muitas circumstancias e particularidades; e, se bem que d'elle se falle mais pelo medo que infundiu nos seus governados, do que pelo amor que lhe tinham, não podem contudo negar os habitantes da provincia, os beneficios que, nos ultimos annos do seu governo principalmente, fez ao paiz.

Tão senhor da sua vontade, como decisivo em seus mandados, não admittia reflexão alguma ás suas determinações. As expressões que usava nas suas ordens são claras e terminantes, mas um tanto rispidas e fortes. Taes, por exemplo, as que dirigiu ao governador de Inhambane, por occasião da revolta que os mouros d'aquella villa tentaram contra os portuguezes; por quanto, respondendo a um officio em que se lhe participava

que tem experimentado, conserva ainda uma certa feição monastica, como por exemplo, no pateo interior cercado de arcarias por tres lados, e que deveu ser o claustro dos religiosos. A quarta face do pateo é occupada por uma dupla escada de dois lances, que conduz ás salas do andar nobre. Sobre a porta principal que no alto da escadaria abre para as salas, vê-se um frontão triangular, emmoldurando uma obra de esculptura grosseira de pedra, representando um barril disposto horizontalmente, sobrepujado por um galo e varios outros accessorios, que foram certamente uma allegoria, mas que ninguem hoje sabe já decifrar.

As salas do primeiro andar, que occupam principalmente a frente do edificio, são amplas, não

aquelle acontecimento, dizia:

"... Não me poupe pólvora a Sua Magestade; ande-me com as cabeças dos mouros para as bocças das peças, e não se metta com suas mulheres e filhas, porque então castigarei a V. M. etc."

Outras de igual quilate dirigia aos demais empregados, e com especialidade aos das ilhas de Cabo Delgado, a que elle chamava ilhas de povo malvado.

O prelado diocesano que quiz lutar com este gigante, teve em resultado uma suspensão!

Voltemos porém ao assumpto da nossa epigraphe. O palacio de S. Paulo, apesar das recentes modificações

## EXPLORAÇÃO DO POLO ARCTICO



O commandante tenente J. W. De Long

O engenheiro J. W. Melville

O piloto dos gelos W. Dumbar

O YACHT JEANNETTE PRESO ENTRE O GELO





luxuosas mas decentes. A divisão interior está commodamente distribuída, havendo capacidade para numerosa familia, ajudantes d'ordens, creados e hospedes, tanto no andar nobre como no rez do chão. As alfaias e mobílias são regulares e sufficientes, não tendo comtudo a harmonia geral que deveria existir n'uma habitação d'aquella ordem, e resentindo-se pelo contrario, de uma grande diversidade de proveniências e das varias epochas em que a sua aquisição foi feita.

Uma enorme cisterna onde se recolhem as aguas das chuvas, que caem nos terrados, abastece os habitantes do palacio e muitos de fóra, durante todo o anno. Dois airosos mirantes, dispostos no alto do edificio e dominando-o, bem como a cidade e a ilha toda, offercem um magnifico panorama. D'ali se descobrem ao sul, a grande distancia, a caracteristica ponta da Bajona, coberta de movinges, e as de Sancul e Chassa, mais proximas; a leste, o extenso horizonte de mar azul e as ilhas de S. Thiago, toucada de mato verde-negro, e de S. Jorge, que serve de base ao magnifico pharol de luz fixa; ao norte, a ponta da Cabaceira pequena, bordada de rochas negras, com os seus airosos palmares e a sua risonha casaria branca; e mais além, as ilhas de Sete paus e de Quitangonha; ao fundo, a terra da Cabaceira, a do Mussuril e Lumbo, com os seus bastos e viçosissimos palmares, as encostas suaves da Conducia e da Matibana, e as notaveis montanhas denominadas a Mesa e o Pão, que são excellentes conhecenças para o viajante que demanda aquellas paragens.

Ao norte do palacio de S. Paulo ha um jardim, ou antes uma horta, onde existem algumas mangueiras, um formoso tamarindeiro, videiras e varias outras arvores. Toda a terra que forma o solo d'este quintal, e que é superior talvez dois metros ao nivel da ilha, foi trazida como lastro nos navios, que do Brazil vieram n'outros tempos, á carga de escravos; o que lhe dá a sua privilegiada fertilidade, comparativamente com o resto do solo calcareo e arenoso da ilha.

O palacio de S. Paulo com o seu jardim, capella e outras dependencias, occupa uma vasta area comprehendida entre a rua e largo de S. Paulo, largo da alfandega e rua de S. Domingos. Confronta, além d'isso, pelo SE com um pateo e outras dependencias da igreja da Misericordia, por leste com a casa da viuva Cartellão, e pelo norte com o edificio da junta de fazenda e do correio, que já serviu de imprensa, de repartição de obras publicas, e que se chamou antigamente *casa do ouvidor*. A situação do palacio e a sua magnifica orientação, fazem com que seja uma vivenda formosa, aprazível e muito salubre.

Augusto de Castilho.

## SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 113)

E iam já encaminhando-se para a alcova, mas o conego oppoz-se, pedindo que entrassem para um gabinete proximo, onde se dispunha a receber-lhes a visita.

Não fizeram questão.

Entraram no gabinete, que era um pequeno quarto ornado com simplicidade, o qual servia de casa de costura.

Viam-se ali muitas recordações da doente: o seu estojo, o cabazinho da meia, os olhos sobre uma mezinha, dentro de umas «Horas Mariannas», etc.

A mulher do merceeiro declarou logo que não podia vêr aquillo.

— Pobre senhora, era tão minha amiga! Também uma coisa assim, tão de repente!

— E' ordem do mundo, observou o conego

— Tem razão.

E dispensando a cadeira que elle por cortezia lhe offerecera, foi-se pondo á vontade, tirando o chaile, arrumando os ouros na sua mala, enfim, dando a perceber que não ia ali de visita.

O padre franziu o sobr'olho, mas callou se.

N'isto porém, notando que o merceeiro trazia umas chinellas eguaes ás suas, não ponde conter-se.

Calculou logo que elle e a mulher iam ali com pés de lã, iam levar rodilha para apanhar guardanapo.

Dirigiu-se a Antonio Dourado, e perguntou-lhe como quem deseja ser comprehendido:

— Veiu de chinellas para não fazer bulha?

## AS NOSSAS GRAVURAS

D. ANTONIO ALVES MARTINS, BISPO DE VIZEU

Nota biographica

Nasceu na Granja d'Alijó a 18 de fevereiro de 1808, filho de uma familia de proprietarios lavradores. Aos dezeseis annos entrou na terceira ordem de S. Francisco da Penitencia, professando a 21 de maio de 1825, estudando logo em seguida philosophia no collegio do Espirito Santo em Evora. Em outubro do anno seguinte matriculou-se no collegio das artes, em Coimbra, para seguir o curso da Universidade. Em 1828 foi riscado da Universidade, diz-se que por se mostrar affecto ao movimento liberal, continuando a estudar na sua ordem, de que foi nomeado mestre, depois de entrar no concurso para as cadeiras de philosophia e theologia. E um tanto embaraçado e pouco claro este periodo da vida do prelado, até que em 1832 foi nomeado pelo governo de D. Miguel, capellão da fragata *Perola*, por ser da sua ordem que saíam os padres para o serviço dos navios do estado. Preso e processado em Coimbra, por idéas liberaes, foi com dois companheiros remetido para Vizeu, onde devia ser fuzilado, conseguindo todos evadirem-se á escolta, proximo a Santo Antonio do Cantaro. Depois de varias peripecias chegaram a Leiria, onde se apresentaram ás forças liberaes. Acabada a guerra da usurpação, foi concluir os estudos na Universidade, doutorando-se finalmente a 16 de julho de 1837. Em 1839 foi provido na cadeira de historia e geographia do lyceu do Porto. Em 1842 foi pela primeira vez eleito deputado ás cortes. Não tendo intervindo na lucta civil de 1846 a 1847, o que succedeu a pouca gente no paiz, passou, finda ella, a redigir o *Nacional do Porto*.

Em 1851 cooperou activamente no movimento que foi denominado *Regeneração*. Sendo nomeado lente de theologia da Universidade em 1852, mas suscitando-se duvidas sobre a antiguidade que devia competir-lhe, renunciou o logar e foi apresentado conego da Sé de Lisboa, e durante nove annos foi successivamente eleito deputado ás cortes. Em 1861 foi nomeado enfermeiro mór do hospital de S. José.

Eleito no anno seguinte bispo de Vizeu, foi confirmado no consistorio de S. Matheus, sagrado em dia de Todos os Santos, mas só em janeiro de 1863 entrou solememente na sua diocese, de que tomou posse. Em 1867, tendo concorrido a Roma ao centenario de S. Pedro, e na occasião da saudação ao pontifice, vendo o seu nome assignado no documento d'ella, com que não con-

— Vim: a bulha não é conveniente.

— De nenhuma fórma.

— Certamente, concordou o merceeiro.

E por sua vez igualmente perguntou ao padre:

— O senhor tambem trouxe as suas?

O conego olhou para os pés, que eram por tal signal umas soffríveis broas, e respondeu um tanto desorientado:

— Tambem.

— Pois não me ganhou, porque antes de sua reverendissima chegar, já eu cá estava.

E carregou muito nas ultimas palavras, dando de olho á mulher.

Ella acudiu logo dizendo:

— Nós ficamos cá esta noite, não é assim?

— Decerto ficamos cá, até isto decidir, respondeu o marido.

E levou a audacia a ponto de voltar-se para o conego e perguntar-lhe:

— Vossa reverendissima tambem cá fica?...

Lá para si acrescentou:

— Ora apanha este pião á unha.

O conego estava entre dois fogos, qual d'elles mais vivo. Nem calculava que se tornaria alvo de tão certo fuzilar de palavras ambigvas, cuja intenção nem sempre se encontrava de momento.

— Fico, disse elle, respondendo á pergunta do merceeiro, fico, repetiu, em intenção d'aquella alminha que acolá está penando os seus peccados, e sempre me estava a recommendar que não a abandonasse na sua ultima hora.

— E' justo, exclamou a mulher do merceeiro, acrescentando: que pela sua parte tambem ficava, por ella lh'o haver recommendado.

— E' um grande sacrificio que faço, allegou o padre.

cordava, reclamou, por intermedio do embaixador portuguez, e foi-lhe dada satisfação.

Em 1868, progredia na visita ao bispado, quando foi chamado a formar ministerio, no qual entrou com o Marquez de Sá da Bandeira, onde se demorou alguns mezes, sendo de novo chamado a elle em agosto de 1870, que deixou em 1871. D'ahi em diante compareceu na scena politica como par do reino. Falleceu a 5 do corrente mez, ás 8 horas da manhã, na residencia de Fontello no seu bispado.

EXPLORAÇÃO DO POLO ARCTICO

« JEANNETTE »

Desde a idade media que por diversas causas a exploração das terras circumpolares arcticas tem atraído a attenção dos europeus.

Os escandinavios parece haverem visitado o extremo norte da America desde o seculo XI ou XII. A estes é provavel ter-se seguido, em 1463, uma viagem de João Vaz Corte Real, capitão donatario da ilha Terceira, á terra do Bacalhau.

Durante os reinados de D. Affonso V e D. João II de Portugal, fizeram-se varias concessões para viagens a alguns individuos, com prohibição de se dirigirem para os lados da Guiné. E claro por isso que a terem sido realizadas algumas, deviam ser na direcção do occidente. Que derrotas seguiram os concessionarios? que resultados obtiveram? ignoramol-o.

Depois do descobrimento da America por Christovão Colombo, novas tentativas se contiunaram para o norte e é ainda aos portuguezes que ellas se devem. Gaspar Corte Real, filho do mencionado João Vaz, descobriu por 1500 o *Canada e Terra do Lavrador*. Fazendo segunda viagem por 1501, em que descobriu a Groenlandia, perdeu-se não se sabe onde. Seu irmão Miguel foi em sua procura no anno seguinte, e teve a mesma sorte. Seu irmão Vasco Annes quizera ir em busca dos dois, no que D. Manoel não consentiu, mandando a esse effeito dois navios. O facto é que essa parte das terras do norte, foi pelos geographos marcada nas cartas com o nome de *Terra dos Corte Reaes*.

No seculo passado continuaram estas explorações arcticas com o fim de procurar uma passagem da Europa para as costas occidentaes da America e orientaes da Asia; tentativas que se continuaram no presente seculo e ás quaes estão ligados os nomes de Humphrey, Gilbert, de Ross, Parry e do desgraçado Franklin.

Desapparecido este em 1845 as explorações duplicaram de intuito, accrescentando ao primi-

— Acreditamos, disseram os dois.

— Fui sempre muito amigo d'esta senhora.

— Nós tambem: era muito dada.

— Muito!

— Uma excellent senhora.

— Uma bella alma!

E como por este modo, o padre se convencesse de que não levava a melhor, foi-se pondo ás boas com elles, aguardando a occasião propria de tirar completa desforra, porque elle estava como uma bicha furiosa, como um gato assanhado, e se encolhia as unhas, não era porque lhe faltasse vontade de arranhar, mas porque no seu proprio interesse lhe convinha não levar as coisas á ponta da espada.

Foi para a cosinha queixar-se á Joanna dos atrevimentos do merceeiro, mas esse desafogo não passou d'ahi, não chegou á casa do jantar, e menos ainda ao gabinete aonde os dois esposos se jactanciavam com muita ufania de haverem posto as coisas no seu logar, e obrigado o padre a tratá-los como de potencia a potencia.

Essa noite foi passada sem nenhum incidente, não querendo mencionar o que se deu com a mulher do merceeiro, que tres vezes acordou, julgando vêr a morta á cabeceira.

Por mais que o sr. Antonio Dourado a quizesse convencer, de que tomara pela morte a sua calva, pois que n'essa noite dormira sem chinó e sem barrete, nada conseguiu.

Logo de manhã veiu o medico.

Todos se precipitaram sobre elle.

— Então que lhe parece, doutor?

Antonio Dourado foi mais longe:

Metteu-lhe o braço e levou-o para o quintal sob o pretexto de lhe dar uma palavrinha:



tivo a procura dos restos d'aquelle, e durante annos sahiram varios navios de Inglaterra com esse duplo fim. É notabilissima a viagem do capitão Mac-Clure de 1850 a 1854, que encontrando a passagem, fez reconhecer que não era sempre praticavel.

As explorações depois mudaram de intuito, dirigindo-se a reconhecer o grande mar polar, já avistado por Mac-Clure, e as terras do polo. De todas essas viagens as mais notaveis são as de Mac-Clintock, Kennedy, outra dos inglezes e a recente do celebre professor finlandez Nordenskiöld, de que demos noticia, acompanhada do retrato d'elle, pag. 51 em diante, do nosso terceiro volume.

Em 1878 o proprietario do *New York Herald* o sr. James Gordon Bennett, resolveu emprender por sua conta uma exploração arctica. Para esse effeito comprou no Havre um navio a que mudou o nome para *Jeannette*, o qual já antes disse tinha prestado grandes serviços no norte sob o nome de *Pandora*.

O navio é um yacht de 250 toneladas, construido especialmente para o serviço arctico, provido de machinas da força de oitenta cavallos, e para augmentar mais a sua robusta construção, foi forrado de choupou da America, afim de o habilitar a resistir ao roçar do gelo.

Em S. Francisco foi de novo totalmente examinado, provido de todo o necessario, e entregue a uma guarnição escolhida, á qual se juntou um grupo de homens de competencia especial. O seu commando foi confiado ao tenente da armada dos Estados Unidos, sr. Jorge W. De Long, que a nossa gravura representa, levando mais os seguintes: como immediato o tenente Carlos W. Chipp, tambem da armada do estado, como segundo João W. Danenhawer, o machinista Jorge W. Melville, igualmente representado na gravura, o dr. Jaime M. M. Ambler, cirurgião, o astronomo e naturalista R. L. Newcomb, o correspondente do *New York Herald* Jeronymo J. Collins, e o piloto dos gelos W. Dunbar, tambem na nossa gravura.

A 8 de julho de 1879, a *Jeannette* sahiu de S. Francisco e a 3 de setembro foi vista por um vapor baleeiro (o *See Breeze*) na direcção da terra de Wrangel a 2 de setembro e a 13 por outras barcas pela embocadura do Lena. Depois d'estas escaças noticias do primeiro periodo da expedição, não se receberam outras até o verão de 1880. O governo dos Estados-Unidos mandou então sahir para o norte o *Corwin* afim de procural-as, e no anno immediato o *Alliance* e o *Rodgers*, que apesar de haverem penetrado nas mais altas latitudes, voltaram sem terem recolhido esclarecimento algum. Porém a 27 de setembro ultimo chegou a Boloemga, na Siberia

um grande batel com o engenheiro Melville e onze homens da tripulação, os quaes tinham entrado pela bocca do Lena. Logo que alli chegou communicou com o commandante militar, que participou a noticia para Irkutsk, donde telegrapharam para S. Petersburgo. Referiu o sr. Melville que a 19 de junho de 1881 a *Jeannette* foi colhida e presa pelos gelos na latitude de 77° 35' N. e longitude 157 E. pelo que a sua tripulação a abandonou. Repartiu-se então esta em tres barcos: um com o commandante De Long, o dr. Ambler e 12 marinheiros; o segundo sob o commando do tenente Danenhawer com o engenheiro Melville e onze homens mais; o terceiro commandado pelo tenente Chipp com o resto da tripulação. Separados por uma violenta tempestade dirigiram-se os dois primeiros para as boccas do Lena. A 24 de outubro chegou outro barco com dois homens que disseram que o tenente De Long, dr. Ambler e outros doze homens haviam tomado terra na bocca do norte do Lena mas tão doentes que lhes seria impossivel proseguir, tendo alguns parte dos membros gelados. O imperador e o governo russo expediram para Irkutsk as ordens mais terminantes para serem soccorridos os naufragos, e foi enviada logo uma expedição de soccorros em busca de De Long e seus companheiros.

O sr. Bennett, em correspondencia com o governo dos Estados-Unidos e da Russia, tem dado as providencias necessarias para encontrar os naufragos e soccorrel-os. A Russia tem feito tudo quanto pôde, mas parece que era preciso um mez para chegar ao ponto indicado. O sr. Bennett partiu para a Russia e parece que intenta combinar com esta potencia com relação a uma nova expedição.

Do outro barco não houve noticias. Tambem as não ha de De Long e seus companheiros, mas o engenheiro Melville tendo procedido a pesquisas diligentes na costa occidental das boccas do Lena, chegou ao acampamento de De-Long onde encontrou tres cartas em umas cabanas, e alguns instrumentos e o livro da derrota que haviam sido enterrados.

As noticias por emquanto apresentam bastante confusão, e até se diz haver-se já encontrado um barco com cadaveres.

Nada mais se sabe por emquanto d'esta arriscada e importante exploração.

#### UMA PAISAGEM DO MINHO

Quadro de Silva Porto

Veja-se o artigo — *Salão de Quadros* — do numero antecedente.

roupa, e se mostravam muito caritativos e cuidadosos de que lhe não faltasse nada.

O quarteto desempenhava então, com todo o velhaco relevo de grande hypocrisia, uma scena digna de Molière.

Antonio Dourado, de relógio em punho, contava os minutos d'aquellas oito horas fataes. A mulher havia-se installado á cabeceira da enferma.

Elle ia de quando em quando á porta da alcova e perguntava:

— Que tal?

— Na mesma.

E sempre na mesma!

Antonio Dourado, fazia um gesto de impaciencia, e consultava o relógio.

Ainda faltavam cinco horas, trinta e cinco minutos e vinte e dois segundos e meio.

Com a fortuna, estava bem agarrada á vida, bem pegada ao mundo!

Mas elle não podia estar ali até que se decidisse aquella contenda entre a vida e a morte.

Tinha de dar as suas voltas, de tratar dos seus segocios.

— Vae filho, vae que eu cá fico.

— Mas olha lá, cuidado com elles, cuidado, não surripiem por ahí alguma coisa, olha que a chave da commoda aonde se guarda o dinheiro, está na mezinha da cabeceira, ouviste?!

— Vae descansado, homem, vae.

— Logo que ella feche o olho deita-lhe a unha, e manda-me chamar, não te esqueças.

— Vae descansado.

E a mulher accentuava estas palavras com tal fastio, como se quizesse dizer-lhe, que não ensinasse o Padre Nosso ao vigário.

Antonio Dourado poz o chapéu e foi-se.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS (*materiaes para a ethnographia de Portugal: mythologia, cantos, usos, costumes, superstições, proverbios, jogos infantis, contos, lendas e tradições locais do nosso paiz*). VII *O lobis-homem*; VIII *Superstições populares (varia)*; IX *As mouras encantadas*; por Z. Consiglieri Pedroso, Porto, — Imprensa Commercial, 16 — Rua dos Lavadouros — 1881 — 8.º de 18, 19 e 17 paginas. — Estes tres fasciculos formam as ultimas publicações que o illustre professor do curso superior de letras tem dado á luz, para colligir quanto possivel, e emquanto não desapparecem de todo, as tradições populares do nosso paiz, que só de raro em raro tem sido apenas palpadas de leve por um ou outro curioso. Desde a primeira tentativa de Garrett com relação ao *romanceiro*, e que durante muitos annos ficou quasi como que singular, seguiram-se as de Estacio da Veiga, e mais modernamente as dos srs. Theophilo Braga, Adolpho Coelho e Consiglieri Pedroso que tem levado mais longe a escavação, nomeadamente os dois ultimos. A Hespanha como ha pouço dissemos, está-nos muito áquem n'este ponto, e os nossos trabalhadores infatigaveis tem despertado a attenção publica para este ramo, conseguindo que uma pleiade de homens feitos e mancebos cheios de vida se lançassem a fazer pesquisas e completar com ellas este precioso thesouro ethnographico. Os trabalhos do illustre professor são importantissimos e como taes tem merecido a attenção da Europa culta.

AS ARTES PORTUGUEZAS NO SECULO XIX ou *breves considerações sobre o seu estado causas e remedios do mesmo*, por Alfredo Elviro dos Santos, Presbytero... Braga, typographia lusitana, 4 Rua Nova de Sousa, 1882 — de 47 paginas. — N'este opusculo ha duas partes a attender: a exposição geral do assumpto, cuja doutrina se nos apresenta tratada sériamente, julgando o auctor com criterio o que fomos e o que somos em relação á arte, apresentando alvitres rasoaveis e a que por mais de uma vez nos temos referido. O auctor faz-nos, por esquecimento de certo, a injustiça de não incluir o nosso periodico entre aquelles que na nota (10) a paginas 32 cita como advogando actualmente a causa das artes em Portugal, quando alguns dos que refere, apenas a tem prejudicado servindo-se de clichés estrangeiros, ao passo que o nosso, não só em todas as occasiões opportunas advoga aquella causa, mas todos os dias lucha valente-

O conego veiu chamal-o á escada.

Já tinha feito algumas despezas, e desejava saber em que lei vivia. A doente tinha tudo fechado, e por sua parte o padre não desejava que lhe pozessem rabos de palha.

— Como ha de ser isto do dinheiro? perguntava elle.

— Isso é lá comsigo respondia-lhe o merceeiro.

— Nada, essa responsabilidade não a tomo eu.

— Então o que veiu cá fazer?

— Eu vim porque me chamaram.

— Pois quem o chamou, que lhe pague, é boa, é muito boa!

O conego não gostou da resposta. Achou-a grosseira e brusca.

— Que lhe pague?! O senhor não está falando com o aguadeiro da casa.

Como alterassem um pouco a voz, a mulher do merceeiro veiu á escada indagar do succedido.

Foi como quem deita um pucaro d'agua na fervura. Cuidaram os dois que ella trazia alguma noticia, e pondo de parte os seus agravos, perguntaram a um tempo, com ancia desesperada, se o ataque se repetira:

— Ainda não!

Ao contrario a mulher do merceeiro affirmou que a doente estava mais socegadinha.

Ainda não ia d'esta, querem vêr?!

Faltavam apenas duas horas, quarenta e tres minutos e vinte e sete segundos!

O relógio do merceeiro era um chronometro e regulava pelo balão.

O conego assoprava de desespero.

— Se ella ao menos fallasse, dizia elle entre dentes, eu te contaria um conto, meu tendeiro de má morte.

(Continúa.)

LEITE BASTOS.

— Falle-me com franqueza, doutor, ella morre ou ella vive?

— Morre, se por estas oito horas se lhe repetir o ataque.

— E não se repetindo?

— Vive.

— Mas é natural que se repita?

— Naturalissimo.

O merceeiro fez uma cara de Pascoa ao Domingo e exclamou:

— Coitada!

O doutor disse:

— A sciencia ha de fazer o seu dever.

Mais nada.

Antonio Dourado foi pôr de aviso a mulher, para que estivesse bem alerta por aquellas oito horas mais chegadas, em que se havia de decidir a campanha.

Ao mesmo tempo, o conego conferenciava com a Joanna.

Que diziam elles?

O diabo o sabe.

N'aquella casa eram tudo mysterios, intrigas, segredinhos. Andavam pelos cantos cochichando em voz baixa.

Olhavam uns para os outros desconfiadamente, e evitavam-se o mais possivel, como se tivessem medo de que a propria sombra os trahisse.

Do que menos se pensava era da doente, estava para ali como genero avariado peçando o armazem.

Ninguem dava dez réis por ella, aquillo estava a decidir, e quanto mais depressa fosse puxando, melhor para elles todos, que ao menos tiravam d'ali o sentido.

Quando vinha alguma pessoa de fóra, é que se chegavam á doente, e lhe compunham a



mente por ella com o exemplo e com o seu character essencialmente portuguez. A outra parte a considerar é com relação á religião, que, se no que se refere á distincção entre o que a arte recebeu do catholicismo e do protestantismo nos acha de opinião conforme, não podemos concordar no papel que o auctor attribue ás ordens religiosas no progresso das sciencias e artes. Até certo tempo ellas foram a guarda e depositarias das tradições da antiguidade, mas depois não fizeram

muitos instrumentos e materiaes fosseis, pelo que obtivera devido premio. Nesta obra, e fundado n'estes descobrimentos, o illustre argentino pôz patente a existencia do homem no periodo quaternario na bacia do Prata, chegando a aventurar a ousada these de que *o homem americano é originario da propria America*. O sr. dr. Macedo analysando os trabalhos d'aquelle naturalista e chamando á collecção todos os modernos trabalhos dos anthropologos e archeologos da prehis-

escripta por diversos escriptores, concluiu agora o seu primeiro volume com um fasciculo de cerca de 100 pag., em que collaboram Leite Bastos, Tricoche & Cacolet, Julio Cesar Machado e Dr. Baldy.

DICCIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ, editor Henrique Zeferino, Lisboa.—Estão publicados os fasciculos 27 e 28 que alcançam até pag. 1:340, e até á palavra *Arteria*.

## SALAO DE QUADROS



UMA PAIZAGEM DO MINHO — Quadro de Silva Porto, comprado pelo sr. Manuel d'Arriaga (Desenho do mesmo auctor)

senão entorpecer o progresso e desinvolvimento com os travezos da censura, da inquisição e por muitos outros modos assaz conhecidos. A sua extincção podia ser mais bem feita, mas agora... não há remedio.

OS LAMENTOS DE CAMÕES, por A. C. Borges de Figueiredo, Lisboa, typographia Nova Minerva, 150, Rua Nova da Palma, 154, 1882—8.º port. de 28 pag. Este poemeto de que se tiraram 36 exemplares numerados, pertence ás collecções camoneanas, nas quaes vae occupar o seu lugar. Consta de xxxiv oitavas, havendo a singularidade de as cinco primeiras, apresentarem a rima alterada no segundo quarteto, seguindo as vinte e nove restantes com a disposição conhecida da oitava rima. Não nos pareceu o auctor muito feliz n'este poemeto, mas isto parece que foi azar em todos as producções correlativas ao centenario do nosso epico.

O HOMEM QUATERNARIO E AS CIVILISACÕES PREHISTORICAS NA AMERICA, traços de uma impressão scientifica, pelo Dr. F. Ferraz de Macedo. Lisboa, Imprensa Nacional. 8.º francez de 50 pag.—Este oppusculo, como o auctor adverte e como do seu contheudo se deprehende, é uma synthese das observações e estudos de Florentino Ameghino, as quaes deu á luz sob o titulo de—*A antiguidade do homem no Prata*, dois volumes publicados em 1880-81, com 673 gravuras, depois de ter apresentado na Exposição de Paris, em 1878,

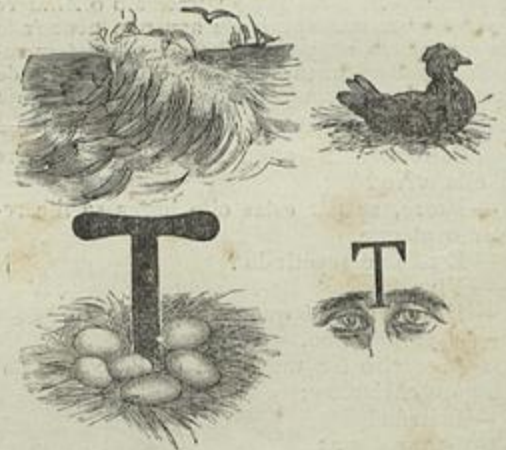
segue determinadamente as theorias de Darwin e de todos aquelles que militam ao seu lado. Parece-nos porem que ás vezes, quando se refere a De Quatrefages, cuja sciencia profunda e vista penetrante todo o mundo scientifico respeita, ainda quando d'elle discorda, usa de uma ou outra expressão menos cordata, que, certamente por inadvertencia deixaria escapar.

O PROLONGAMENTO DA ESTRADA DE FERRO DE BATURITÉ AO CARIRY, E OS AÇUDES DA PROVINCIA DO CEARÁ, pelos engenheiros Amarilio de Vasconcellos e Henrique Faglare. Fortaleza—typ. Gazeta do Norte, rua Senador Pompeu, 100; 1881. 8.º francez de 37—II pag.—N'este opusculo seus auctores procuram mostrar a conveniência para aquella provincia do imperio nosso irmão, da obra indicada, e de outras de maxima importancia para o futuro d'ella, resumindo depois da exposição dos planos e calculos a ellas referentes, as necessidades da provincia n'estes dois pontos: *o prolongamento gradual das suas estradas de ferro; a construcção do maximo numero de pequenos açudes; com as quaes julgam se suavizarão effeitos terriveis das seccas, e se fertilizará o solo da provincia.*

Deve merecer a attenção dos seus conterraneos a exposição dos dois engenheiros.

CHRONICA MODERNA, *Revista Critica Illustrada*, Empresa Litteraria de Lisboa, editora.—Esta publicação destinada a fazer a critica do tempo,

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Cavallo corrente sepultura aberta.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1882, LALLEMANT FRÈRES, Typ. LISBOA  
6, Rua do Thesouro Velho, 6

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE  
PARA 1882

EDIÇÃO PARA PORTUGAL E EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PUBLICADO PELA EMPREZA DO OCCIDENTE

Illustrado com mais de 50 gravuras portuguezas e uma linda capa em chromo-lythographia

É o almanach mais elegante que se tem publicado em Portugal, e é uma completa novidade.

PREÇO EM LISBOA. 240 REIS

Á venda em todas as livrarias e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza.

Para as provincias envia-se pelo correio a quem remetter 265 réis em estampilhas á **Empreza do Occidente**, rua do Loreto, 43 — Lisboa.

VIAGEM Á RODA  
DA  
PARVONIA  
PELO COMMENDADOR  
GIL VAZ

Anotado pelos principaes escriptores.

Illustrações de Manuel de Macedo

A obra de mais fina critica dos tempos modernos.

Á VENDA

NA

EMPREZA DO OCCIDENTE

PREÇO 500 RÉIS

Envia-se para as provincias franco de porte.

## CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

## OCCIDENTE

A Empreza do Occidente tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do Occidente, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.